

Dizendo-Se Sábios, Tornaram-Se Loucos

Telling If Wise, They Became Fools

Marcos Delson da Silveira¹

Resumo: Tanto para Nietzsche como para Sartre os valores morais são construções históricas. Esses dois filósofos contemporâneos estão inseridos no pensamento existencialista. Para essa corrente filosófica a existência precede a essência. Elevando ao extremo essa máxima e unindo-a a condição de plena liberdade do homem é possível extrair o princípio fundamental da ideologia de gêneros, rezado por Simone de Beauvoir, de que homens e mulheres não nascem homens e mulheres, ser homem ou mulher é uma construção social. Tendo por base o sofisma e as consequências dessa afirmação percebe-se que tal ideologia para ser aceita terá que ser imposta por intermédio de uma revolução ideológica. Karl Marx e Friedrich Engels propuseram a ditadura proletariada em um de seus escritos. Por isso, essa revolução ideológica que joga pelos ares toda a superestrutura social dominante é chamada aqui de marxismo cultural. Para refutar tais argumentos será defendida a antítese que afirmará a natureza imutável do homem e sua condição transcendente.

Palavras chave: valores morais, ideologia de gêneros, marxismo cultural e natureza humana.

Abstract: Both Nietzsche and Sartre for moral values are historical buildings. These two contemporary philosophers are included in existentialist thought. For this philosophical current existence precedes essence. Bringing this to the extreme maximum and joining with the condition of full freedom of man is possible to extract the fundamental principle of gender ideology, prayed for Simone de Beauvoir, that men and women are not born men and women, being male or female is a social construction. Based on the sophistry and the consequences of this statement it is clear that such an ideology to be accepted has to be enforced through an ideological revolution. Karl Marx and Friedrich Engels proposed the dictatorship proletarianized in one of his writings. So this ideological revolution that plays through the air all the dominant social superstructure called here cultural Marxism. To refute such arguments will be put forward the antithesis that will affirm the immutable nature of man and his transcendent condition.

Keywords: moral values, ideology, gender, cultural Marxism and human nature.

Introdução

Neste artigo, partindo de pesquisa de cunho bibliográfico, o foco é fundamentar as bases filosóficas contemporâneas da ideologia de gênero. Para tal tarefa, de forma sucinta, será introduzido o existencialismo pagão de Nietzsche e Sartre. Nestes pensadores encontrar-se-á a descrição de um homem plenamente livre, sem valores morais absolutos, pronto para construir sua essência no decorrer da existência. O homem é um vaso que não necessita do oleiro para ser feito.

¹ Filósofo; pós-graduado em Filosofia do Direito e Docência Universitária e em Direitos Humanos da Criança e do Adolescente.

Posteriormente, em Karl Marx e Friedrich Engels, este escrito introduzirá a ideia de revolução cultural, formas de família e fim da família monogâmica, citando, com o auxílio de Projetos de Leis, como o marxismo cultural é lentamente inserido na sociedade brasileira. A mudança de mentalidade proposta pelo marxismo é inviável por sua radicalidade. Mudar a sociedade e seus princípios como foi proposto exige, dentro do Brasil, uma revolução social, que não seria pacífica. É, por isso, que essa ideologia vem sendo construída sob a “imagem da democracia”, para gerar ares de aceitação por parte da população e para justificar a omissão de Instituições que perderam sua essência social e religiosa.

Entretanto, a intenção principal deste artigo é refutar tais ideias. Acreditamos na existênciada natureza imutável do ser humano e na transcendência da alma humana. Portanto, defende-se aqui que homens e mulheres nascem com uma natureza própria e imutável, independente de escolha ou de qualquer construção social. Embora seja sustentada uma visão de cunho dogmático, a intenção principal não será impor essa visão a alguém, mas defendê-la das ideologias que a sufocam.

Ficará visível que os argumentos levantados pela ideologia de gêneros são tão frágeis que dentro de uma sociedade saudável não seria necessário o mínimo de reflexão para derrubá-los, sozinhos eles desmoronariam. Mas, por motivos ideológicos de cunho pós-moderno existencialista, demonstraremos o argumento central e suas falhas antropológicas. É incrível ter que defender o óbvio e, mais extraordinário ainda, é perceber que a imaginação é aceita como verdade.

Por fim, a crença é que este artigo sirva como ponto de reflexão e que possa suscitar futuras críticas tanto pro como contra a atual escrita. Exceto o ponto de vista cristão, sabemos da transitoriedade do conhecimento humano e, por isso, novas revisões sempre farão parte do possível desenvolvimento dos argumentos apresentados. E se erramos ao defender as ideias que nos propusemos foi por ignorância e não por conveniência.

1. Marxismo Cultural

Na filosofia contemporânea, após a “morte de Deus” preconizada por Nietzsche (1844-1900), todos os valores transcendentais foram avassalados pelo devir da história². Não existem valores morais absolutos. O bem e o mal perderam a dimensão metafísica tornando-se pura e simplesmente construções históricas. O filósofo, crítico das religiões do livro (Islamismo, Judaísmo e Cristianismo), propôs um questionamento que girou em torno da

² “Felizmente aprendi rapidamente a distinguir o preconceito teológico daquele moral e não me preocupei mais em procurar a origem do mal para além do mundo” (NIETZSCHE, 2009, p. 17).

pergunta: “Qual é o valor dos valores³?” Rompeu com a moral ascética e propôs a “transvaloração dos valores” que levou o homem a deparar-se com o niilismo⁴, isto é, com a perda de sentidos, uma vez que a transcendência não existe mais⁵.

Alguns anos após a morte de Nietzsche, outro filósofo chamado Jean-Paul Sartre (1905-1980) afirmou que o homem está condenado à liberdade. No texto *O existencialismo é um humanismo*, o filósofo cita Dostoiévski: “Se Deus está morto, então tudo é permitido⁶”. Assim como Nietzsche, Sartre descaracterizou com a ideia da “morte de Deus” a existência de valores absolutos, prontos e dados a uma determinada natureza humana. Uma vez que o homem goza de plena liberdade e não há uma natureza inerente a sua dignidade humana, tudo lhe é permitido, até mesmo reconstruir-se partindo do imaginário, pois a existência precede a essência. A pergunta metafísica, quem eu sou, transformou-se na pergunta existencialista, o que eu quero ser (SILVEIRA 2014, p.32).

A companheira de Sartre, Simone de Beauvoir, em seu sofisma, compôs uma máxima existencialista ao afirmar que homens e mulheres não nascem homens e mulheres, ser homem ou mulher é uma construção social. Para ela, o que compõem a identidade sexual e social do indivíduo está na escolha íntima que ele faz. Sendo, portanto, que uma pessoa do sexo masculino (nasceu com pênis) poderá optar pelo gênero feminino (construção social do sexo). Uma vez que não existe uma essência intrínseca que nos faz ser quem somos, poderemos construir a nossa essência durante o ato de viver. Tanto Sartre como Simone vê a liberdade como fim e não como meio. Uma das propostas contemporâneas vinculadas a esse modo de pensar é a ideologia de gêneros.

³ “vacilará sua fé na moral, em toda moral e por fim uma nova exigência se fará ouvir. Necessitamos de uma crítica dos valores morais e, antes de tudo, deve-se discutir o valor desses valores e por isso é totalmente necessário conhecer as condições e os ambientes em que nasceram, em favor dos quais se desenvolveram e nos quais se deformaram (...)” (NIETZSCHE, 2009, p. 20).

⁴ “Se abstrairmos o ideal ascético, vemos que o homem não teve até agora finalidade alguma. A sua existência sobre a Terra carece de objetivo (...) ‘Por que existe o homem?’ Eis uma pergunta sem resposta (...) sofria de muitas maneiras; era antes de tudo um animal doente, o seu problema, porém, não era a dor, mas a razão da dor (...) Esta falta de finalidade na dor é a maldição que pesou sempre sobre a humanidade. Agora bem: o Ideal ascético apresenta uma finalidade. Era a única; alguma coisa era melhor do que nada (...) ele explicava a dor; enchia um imenso vácuo; fechava a porta ao niilismo” (NIETZSCHE, 2009, p. 171-2).

⁵ De fato, existem valores que são construídos em determinados contextos sociais. Padrões comportamentais de determinadas épocas são deixados de lado ou simplesmente esquecidos. No contexto do medievo, por exemplo, Deus estava no centro. Na modernidade, com a Renascença, mudou o paradigma e o homem assumiu o centro. Nietzsche ao afirmar que os valores não são absolutos estava centrando seu olhar na história e nas diversas formas de comportamento ao longo dos milhares de anos desde que o homem assumiu sua racionalidade.

⁶ “O existencialista, pelo contrário, pensa que é muito inconveniente que Deus não exista, porque desaparece com ele toda a possibilidade de achar valores num céu inteligível; não pode existir já o bem a priori, visto não haver já uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em parte alguma que o bem existe, que é preciso ser honesto, que não devemos mentir, já que precisamente estamos agora num plano em que há somente homens. Dostoiévski escreveu: ‘Se Deus não existe, tudo seria permitido’. Aí se situa o ponto de partida do existencialismo” (SARTRE *apud* ALMEIDA, p.50).

Contudo, tendo por base a formação de nossa racionalidade (fundamentada na filosofia grega, no cristianismo e no Direito romano) tais teorias supracitadas ganharão êxito se a sociedade sofrer uma revolução cultural que jogue pelos ares toda a superestrutura, impondo-lhe um novo modelo de sociedade. Para que isso aconteça de forma pacífica é preciso mudar a consciência social sufocando-a e vagarosamente inverter as leis, a moral e a religião. Este tipo de transformação cultural é o que aqui chamaremos pelo nome de marxismo cultural.

No livro intitulado Manifesto do Partido Comunista, Karl Marx (1818-1883) alertou que a classe oprimida “não pode erguer-se, pôr-se de pé, sem que salte pelos ares toda a superestrutura dos estratos que constituem a sociedade oficial”, ou seja, para o revolucionário “as leis, a moral, a religião são (...) meros preconceitos burgueses, por detrás dos quais se ocultam outros tantos interesses burgueses” (2010; p. 56). Para atingir o fim da opressão torna-se necessário suplantar os opressores. Ou seja, para mudar a sociedade androcêntrica que oprime a mulher, o homossexual, a lésbia, o bissexual e a travesti faz-se necessário um conjunto de leis que normalize a identidade sexual desses grupos, transformando a visão ética dos cidadãos e impondo por intermédio da educação, dos instrumentos de comunicação em massa e prisões (a quem desobedecer à ordem de silêncio ou não reproduzir o que lhe foi mandado) à ideia de gêneros ou natureza homossexual. E, por fim, regular o discurso religioso ou adaptá-lo a nova condição, descaracterizando-o e impondo através do poder político e de propaganda modificações. Por intermédio desse processo revolucionário, modifica-se a condição de vida entre os homens, as relações estabelecidas na sociedade, suas representações, concepções e conceitos formando outra consciência social (MARX, 2010; p. 65).

Estas ideias revolucionárias não estão longe de nós. No Brasil existem Projetos de Lei que defendem o marxismo cultural. O PL 8035/10 que aprovava o Plano Nacional de Educação que foi substituído pelo PLC 103/12; O PLC 122/06 (que foi negado) preconizava os crimes por “orientação sexual e identidade de gêneros⁷”. Outros projetos que pedem o aborto (1135/91 engavetado) e crimes por “homofobia”. Somado a estes Projetos de Lei, a Cartilha de Diversidade Sexual publicada pelo Ministério da Saúde em 2010, afirma na pg. 53: “A identidade de gênero se estabelece a partir de um processo dinâmico e complexo, que envolve aspectos genéticos e sociais, no qual as pessoas se identificam com o masculino ou o feminino, não importando o seu sexo biológico”. Na página 54: “Os papéis de gênero

⁷ PLC 122/06 art. 3º

expressam os costumes de um dado momento histórico e, por isso, podem sofrer mudanças”. Observem a 1ª premissa da ideologia de gêneros: Independente do sexo biológico o homem pode identificar-se com o feminino e a mulher com o masculino dentro de dado contexto social. Isso é uma pseudoantropologia, uma falsa visão de pessoa humana. Observem a 2ª premissa dos ideólogos: impor a ideologia de gêneros à sociedade com auxílio de mecanismos legais e culturais. Para isso será necessário na conclusão mudar a cultura ensinando a ideologia e punindo por preconceito quem se opor. Esse é o falso e errôneo “silogismo de gêneros”, pois essa ideologia é totalmente contraditória. Interessante eles lutam pela democracia impondo a violência e a intolerância a quem não aceita a ideologia como verdade de ser. É “a ideologia mais radical da história, já que (...) destruiria o ser humano em seu núcleo mais íntimo e simultaneamente acabaria com a sociedade” (SCALA 2011, p. 11).

Veja que, uma vez que o homem socialmente poderá ser uma mulher, por que o meu cachorro não poderá ser o meu esposo? Quem negará o gênero da zoofilia, do incesto e da pedofilia? Essa ideologia é uma das piores mentiras contadas contemporaneamente. Está sendo construída sem alicerces e aceita por muitos sem o mínimo de reflexão. Totalmente fundamentada na crise moral contemporânea que nega Deus como criador e qualquer natureza humana como definidora dos seres humanos. Se não existe Deus, todo pressuposto envolto na dualidade homem e mulher como seres feitos um para o outro em prol de constituírem uma família deixa de existir. A própria noção de família nuclear que carregamos se perde possibilitando novas formas de uniões com o nome de família.

Para alguns defensores dessa teoria tudo gira em torno de um problema semântico: afirmam que a linguagem constrói a realidade. Não concordamos que a linguagem tenha o poder de construir a realidade. Mas não podemos negar o fato de que mudando a linguagem muda-se a percepção da realidade: uma coisa é falar aborto e outra é falar assassinato de crianças inocentes. A ideia de homossexual, lésbica, travesti são formas de tentar mudar a percepção da realidade. Existem o homem e a mulher, o que excede a isto é um jogo da linguagem a fim de “construir” novas realidades. Não existem homossexuais, existem homens com opção sexual diversificada dos demais homens; não existem lésbicas, existem mulheres que têm opção sexual por outras mulheres. Assim sucessivamente. A linguagem em momento algum constrói realidades, ela descreve a realidade ou a deturpa. O que vai além da descrição da realidade é um equívoco.

Somando a esses fatores, queremos salientar que o homem que tem opções sexuais por outros homens não possui uma “natureza homossexual”, mas uma segunda natureza em sentido aristotélico de hábito. A natureza traz funções inatas à criatura: o pênis, a

vagina, o útero, a gravidez, o espermatozoide, a testosterona, a progesterona, os cromossomos xx e xy presentes nas células masculinas não dependem de construções históricas. Por mais que uma mulher opte pelo gênero masculino, isso não a torna “masculina”. A natureza é inerente à condição do ser. Percebemos a luta feminina durante a história lutando pelos direitos femininos. Hoje, ironicamente, percebemos a mulher lutando pelo direito de ser homem. A sociedade androcêntrica, tão criticada, hoje é assumida pela mulher que quer ser homem e vice e versa.

Essa ideologia faz parte direta do marxismo cultural. Essa ideia de uma cultura marxista provavelmente foi retirada do livro acima citado do alemão Karl Marx, onde ele escreve que para atingir o objetivo revolucionário é indispensável o fim da propriedade privada, o fim da cultura predominante, o fim da pátria e da nacionalidade, da religião, do casamento e da família (2010; p. 60-4). Veja se não é isto o que está acontecendo.

2. Surgimento E Fim Da Família Monogâmica Na Visão Marxista

O conceito de família a muito vem sendo bombardeado. Para os ideólogos de gêneros a família patriarcal representa uma forma de domínio sobre os oprimidos. Almejando o fim da opressão, o amigo de Karl Marx, Friedrich Engels propôs, no livro *A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado*, a existência de modelos de família anteriores a patriarcal e monogâmica. Afirmou que existiram durante a história diversas formas de matrimônio, desde o grupal nos povos primitivos, passando pela poligamia e a poliandria, até chegar à forma contemporânea que é a monogâmica. Para o filósofo, a variação do modo de matrimônio acompanha a condição de existência do homem.

Assim, no decorrer da história, por causa de contradições internas neste modelo de matrimônio, as uniões por grupos foram substituídas pela família sindiásmica. Neste novo modelo, surgido pelo aparecimento da propriedade privada, acúmulo de riquezas e o choque de classes sociais decorrentes desse acontecimento, o homem tem direito a poligamia e a infidelidade casual, sendo estes direitos vetados para as mulheres que estão submissas a castigos cruéis em casos de infidelidade (ENGELS 2002, p. 45-51).

Da decadência desse modelo sindiásmico de família nasce à família monogâmica. O homem, agora detentor de riquezas, é preponderante e precisa da mulher e da fidelidade da mesma para ter filhos que, posteriormente, serão seus herdeiros. A monogamia não é a reconciliação entre o homem e a mulher, ela “surge como forma de escravidão de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história”. E continua: “o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide

com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classe, com a opressão do sexo feminino pelo masculino⁸” (ENGELS 2002, 59-62). As bases monogâmicas que gerou a opressão dos sexos - futuramente quando a riqueza particular tornar-se social - irá desaparecer e direitos exclusivos do homem serão também da mulher, como ter vários parceiros, pedir o divórcio, renunciar a família etc.

Essa leitura marxista da história não enxerga na monogamia a última forma de família. Só saberemos o que sobreviverá da monogamia quando surgir outra geração de homens que nunca compraram o amor de uma mulher, e mulheres que nunca se virão na situação de se entregar a um homem se não pela força do amor real. E se a família monogâmica não responder a nova sociedade que aparecerá é difícil prever a nova forma de família que a sucederá. A nova sociedade funda-se no Comunismo.

Se o homem oprime a mulher com base no poder econômico como afirmou Engels, o que ele diria da sociedade contemporânea? A mulher está inserida no mercado de trabalho e, com isso, ganhando liberdades e direitos. O casamento perdeu seu vínculo indissolúvel, como almejava o cristianismo. E muitas religiões “cristãs” permitem o divórcio. A liberdade sexual é de ambos os sexos. Escuta-se vozes que pedem o fim da família dita cristã em nome de outros modelos de uniões. Isso está sendo possível devida à decadência moral que acompanha a “morte de Deus” e a conquista da “plena liberdade” pelo homem. Afetando a família, por consequência, afeta diretamente a vida: se a mulher nega sua natureza feminina e tudo o que isso acarreta, nega também a condição de mãe e de esposa, características naturalmente inacessíveis a um homem, que negar sua natureza masculina.

A verdade lógica⁹ e a verdade ontológica¹⁰ sedem espaço a outra modalidade de verdade, que excede a subjetiva¹¹ ou relativa¹², que é a verdade imaginação¹³. Nesta nova modalidade não importa se há uma objetividade na realidade e, se a realidade dependa dessa objetividade. O que importa é a satisfação do “eu”. Uma nova realidade distante da razão onde as fábulas tornam-se reais e as tragédias também. Um mundo da imaginação, da carência de virtudes, da falta de transcendência, onde na falta de Deus o homem se olha no espelho e vê deus na sua imagem e num breve toque da varinha mágica transforma a realidade ao seu bel prazer. É o super-homem Nietzscheano.

⁸ Passagem extremamente utilizada pelo feminismo e pela ideologia de gêneros.

⁹ A coerência do pensamento consigo mesmo

¹⁰ A adaptação do pensamento a realidade

¹¹ A verdade parte do sujeito e sua percepção da realidade

¹² A verdade depende do contexto social e histórico onde se encontra o indivíduo.

¹³ A adaptação da realidade à minha imaginação.

3. O Aborto

Se a pessoa tem liberdade de querer ser o que desejar e transformar-se no que almejar de si mesma, tendo por empecilho somente a lei que a favorecerá, e se os valores transcendentais foram suplantados pelo devir da história, que valor tem o nascituro? A necessidade do aborto acompanha a ideologia marxista. No Brasil, segundo a Constituição no *caput* do art. 5º, a vida é inviolável¹⁴. O Pacto de São José da Costa Rica, A Declaração Universal dos Direitos do homem, O Estatuto da Criança e do Adolescente atestam o direito a vida. Mesmo porque é desse direito que emergem todos os demais.

Entretanto, o Código Penal Brasileiro não pune o aborto “se não há outro meio de salvar a vida da gestante” e “se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal.” Somando a estas duas situações, o Supremo Tribunal Federal, no dia 12 de abril de 2012, definiu por 08 votos a 02 que o aborto em caso de anencefalia não será punível. Das três formas citadas e não puníveis, no Brasil, de aborto, a única moralmente menos reprovável é a primeira, onde a mãe não almeja o aborto, mas o tem como consequência.

Certo é que uma vida nunca está em função de outra. Mas, cabe uma pergunta: Quando se inicia a vida? A ciência, desde o pai da embriologia genética Karl Ernest Fran Boer, afirma que a vida inicia-se desde a concepção, quanto o espermatozoide fecunda o óvulo. Para alguns teóricos, falar que a vida inicia-se na concepção é mero preconceito burguês. Para a revolução cultural de cunho marxista é necessário mudar o homem e sua cultura, suas leis, e até mesmo a ciência em nome da ideologia. Onde há plena liberdade, o aborto é mera coincidência. Milhões de crianças mortas no ventre materno todos os anos em nome da liberdade de escolha e consequência do afastamento do homem do seu Criador.

Perceba que a ideologia de gêneros e o aborto são uma desgraça resultante dos nossos pressupostos vinculados à decadência moral do homem. Estamos novamente mudando o paradigma. Diante a catástrofe da ideologia de gêneros e do aborto, relembro a Antígona de Sófocles, onde a protagonista, Antígona, afirmara que as leis positivas não são superiores a lei natural e divina. O homem intrinsecamente, em sua natureza, tem direito que seja preservada à vida em quaisquer circunstâncias. O fruto da concepção, em sua dignidade de pessoa humana, não pode ser tratado como lixo ou embalagem descartável. Também na pessoa, existe uma natureza intransferível em cada ser que deve ser respeitada. Todo o dispositivo legal, a ciência, a cultura, a

¹⁴ No Brasil não existem Direitos absolutos. A mesma Constituição reza a pena de morte em casos de guerra declarada.

filosofia serão negados em nome de uma ideologia de cunho marxista? Como isso é possível? Em que está se transformando o homem?

Sendo assim, é visível que está sendo adestrado um “novo homem”, um ser abstrato dentro de uma caverna platônica. O que difere é que este homem não está sendo educado para sair da caverna, mas para fazer de sua vida e de suas escolhas algemas para a eternidade. Hitler, Mussolini e os Socialistas sonharam com um “novo homem” no período em que o mundo viveu uma coreografia para a tragédia. Perceba que a violência sempre será o reflexo da mentira. Contemporaneamente, vivemos um clima nevrálgico no mundo com mais rumores de violência, mas as marcas da violência sempre estão presentes na história, as da liberdade também, pois esta sempre será a antítese de uma síntese marcada pela luta. Não corremos da luta pela liberdade. Se as pessoas querem ir contra a natureza, que suas escolhas não sejam impostas a nós. Que vivam suas escolhas e suportem as consequências, pois “se (...) não lhes agrada servir ao Senhor, escolham hoje a quem irão servir (...) mas, eu e a minha família serviremos ao Senhor” (Jos. 24: 15).

4. Conclusão

Não há uma liberdade de se fazer, como muitos querem. Há, sim, uma liberdade de escolha, uma identificação pessoal com algo que está além do que se é. O que não consigo entender é: Por que torna-se amplamente importante que a escolha de alguns torne-se imposição para todos? É imposição alienar a liberdade alheia para satisfazer caprichos individuais. O dom gratuito de ser manifesta-se dentro de uma realidade que, se não for talhada, condiciona a inteligência à vontade. Isso acontece quando os desejos intrínsecos são obedecidos sem o menor escrúpulo. Quando a inteligência se cala. Quando os olhos não veem a realidade. Quando os ouvidos não escutam o som da natureza. Talvez seja por isso que o primeiro passo adotado seja a negação de tudo o que é essencial. Coloca-se no lugar o desejo, Dionísio.

Onde a verdade não fala a mentira brada. O silêncio precisa ser rompido. Há um duelo desigual acontecendo. O mundo de pequeno que é, torna-se grande. O homem grandioso que é diminui seu ser rendendo-se a prazeres ínfimos comparado com seu mundo interior e exterior. O mundo interior necessita de uma objetividade e é por isso que ele mira para fora. Agora, quando o externo é abandonado ou ignorado pelas vontades ou pensamentos contraditórios, o homem se perde. As leis que deveriam indicar o caminho da justiça social e legal não reconhecem a dignidade específica de cada ser separado biologicamente, ao ponto

de “inverter a ordem natural das coisas” afirmando na condição de um o outro. Isso não gera inclusão social e, nem tão pouco, é reflexo de uma sociedade mais justa.

A indignação acontece quando percebemos que dentro de um país como o Brasil que carece de tantas coisas o dinheiro público é ridiculamente investido em campanhas na rua, mídia, escolas e para pagar feitores de Projetos de Leis com ideologias importadas de outras culturas. Carecemos de assistências básicas: se os políticos não sabem, existem pessoas morrendo de fome, de doenças, seres humanos jogados pelos hospitais, escolas sucateadas, segurança pública que não possui o básico para gerar segurança, leis que sejam cumpridas, presídios que reedue a pessoa humana que lá está, mais escolas que ofereçam disciplina e educação aos meninos e adolescentes para que não seja preciso construir tantos presídios etc. Necessitamos de uma realidade melhor para se viver. Ao invés de gastar o dinheiro público com cirurgias para mudança de sexos e abortos, deveríamos reconstruir a dignidade do País.

Muitos estão lutando para modificar uma realidade que não precisa de mudanças. Talvez essa seja uma forma de esquivar a atenção dos problemas que são maiores. Seja de forma transcendente ou imanente, a natureza nos foi dada. Não há erros: pássaro é pássaro, cachorro é cachorro, Leão é Leão, homem é homem e mulher é mulher. Inverter a ordem das coisas ou dar ao homem a capacidade de escolher socialmente o gênero que quer, não modifica a ordem natural das coisas. Esse é um contrassenso terrível. Por mais que alguns queiram, por mais que a lei permita, por mais que a sociedade pense, não é possível tornar subjetivo o que é absoluto. Não depende do que eu quero ou penso. Existem coisas que são o que são.

Para encerrar, dentro da visão cristã, que aqui defendemos, o apóstolo Paulo, em carta aos Romanos (1: 16-32), afirma que a ira de Deus está sobre os homens que trocam a verdade pela mentira e, que a esses homens,

Deus os entregou às concupiscências do seu coração, à imundícia, para desonrarem o seu corpo entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador (...) Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza (...) E, como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convém; estando cheios de toda iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes ao pai e à mãe; néscios, infieis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem

misericórdia; os quais, conhecendo a justiça de Deus, não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem.

Referências:

AGOSTINHO, Aurélio. **Confissões**. São Paulo: ed. Paulus, 1997.

ALMEIDA, Fernando José de. **É proibido proibir**. São Paulo: FTD, 1988.

BARBERI, Piero. **Aborto x ponto de vista cristão**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, caput do art. 5º.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Centauro, 2002.

MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A genealogia da moral** – 3ª ed. São Paulo: Escala, 2009.

SILVEIRA, Marcos Delson da. **“Brincando de filosofar:” sucintas reflexões**. Goiânia: Kelps, 2014.

SCALA, Jorge. **Ideologia de gêneros: o neototalitarismo e a morte da família**. São Paulo: Katechesis, 2011.

Bíblia Sagrada, Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Periódico em defesa da vida e da família, Edição n. 177 – 11 de março de 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt>, acesso em: 02/04/2015.